

Brasil vai negociar com Clube de Paris

GEORGE VIDOR

As negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) demoram mais do que era previsto e, por isso, as autoridades econômicas vão inverter um pouco a ordem do cronograma que havia sido traçado para a questão da dívida externa. Já na semana que vem, a Ministra Zélia Cardoso de Mello anunciará algumas das propostas que serão feitas aos bancos credores; uma missão também vai ao Clube de Paris, que reúne os credores oficiais. O Governo admite pagar juros aos bancos no ano que vem, mas sempre condicionando isto à capacidade de pagamento do País.

Para o Governo, a preocupação, no caso da negociação da dívida externa, não pode ser em gerar um grande superávit na balança comercial (exportações menos importações), mas sim saber quantos cruzeiros o Tesouro Nacional terá para comprar os dólares que ficarem disponíveis no mercado interno de câmbio. De forma alguma haverá emissão de moeda além do que estiver estabelecido na programação monetária, para se pagar a dívida externa.

Antes, o Governo "bancava" todo o superávit da balança comercial e emitia o que fosse necessário para comprar os dólares. Agora, não. Os dólares ficam no mercado e o Gover-

no, através do Banco Central, só vai buscá-los na medida da sua programação monetária, compondo, dessa maneira, as reservas cambiais do País. A cotação do dólar comercial, portanto, hoje é livre e varia de acordo com o mercado. Sem dúvida, o Banco Central é o mais importante dos agentes desse mercado, pois, é o grande comprador de moeda estrangeira.

Quanto ao Fundo, a carta de intenção do Brasil, no qual o País se compromete a atender certos requisitos e continuar a fazer ajustes na economia, ainda não saiu por dois motivos: primeiro, porque o ritual do FMI exige que se fixe metas com valores nominais; segundo, porque o

órgão gostaria que o País colocasse no documento a sua estratégia de renegociação com os bancos credores.

A fixação de metas nominais mostrou-se inócua no passado e os próprios técnicos do Fundo não consideram esse ponto relevante. Porém, como ela faz parte do ritual do FMI, o órgão insiste e o Governo brasileiro está procurando uma fórmula para resolver o problema. Já na questão da estratégia de renegociação, o Governo não deseja de jeito algum ver isso impresso em uma carta de intenção: como é óbvio, o segredo faz parte dessa própria estratégia.

Não é impossível contornar esses obstáculos nas conversas com o Fundo, que ainda não acabaram.